

A McKinsey readmite profissionais que tinham saído para ser mães

As consultoras mais importantes dos Estados Unidos começaram a aplicar programas para atrair e recuperar mulheres que trabalharam durante anos no seu quadro, mas que acabaram por sair devido a motivos familiares. Uma que o fez é a McKinsey, cujo presidente – Dominic Barton – reconheceu publicamente a necessidade de recuperar talento feminino para a sua empresa.

O plano encetado pela McKinsey, segundo uma informação publicada pelo “The Wall Street Journal” (19.2.2013), está ainda numa fase incipiente, e começou quando os altos dirigentes constataram que do pessoal que entrava para a empresa, apenas 25% eram mulheres. Embora durante anos a consultora norte-americana tenha oferecido medidas de flexibilidade às suas empregadas e, inclusivamente, tenha publicado um guia de ajuda para mães, a realidade é que nos cargos mais elevados da escala há muito poucas mulheres, pois a maioria acaba por deixar a empresa e não encontra a forma de regressar.

Outras grandes consultoras norte-americanas também têm programas de readmissão para as profissionais que saíram por causa da família. A Bain & Co recuperou até uma centena de mulheres, quase todas mães, desde o ano 2000 e 80% das “sócias” atuais beneficiam de programas flexíveis. A Boston Consulting Group também oferece contratos a tempo parcial e, inclusivamente, concede o estatuto de “sócia” a pessoas com jornada laboral reduzida.

A necessidade de não perder talento torna-se especialmente acentuada em setores que exigem um alto nível de especialização, como consultadoria e banca, e exigem dos candidatos períodos intensos de formação durante os primeiros anos de trabalho. Contudo, o regresso à empresa que se abandonou nem sempre é fácil.

Os especialistas em conciliação, pensam muitas vezes que as mães são grandes gestoras, mas as competências que se desenvolvem ao gerir um lar não coincidem exatamente com as necessárias no mundo laboral, segundo afirmava num recente ensaio, Rosa-beth Moss Kanter, da Harvard Business School. Fishman Cohen, da iRelaunch, oferece sessões de

atualização para as que o tentam, com aulas sobre uso de redes sociais ou programas avançados de Excel.

(Fonte: “The Wall Street Journal”)

A justiça irlandesa opõe-se ao suicídio assistido

O Supremo Tribunal irlandês disse não à aprovação do direito ao suicídio assistido. Marie Fleming de 59 anos e doente de esclerose múltipla, apresentou um pedido de inconstitucionalidade contra a lei aprovada em 1993 que condena com uma pena de até 14 anos de prisão quem ajudar outras pessoas a suicidarem-se. Marie Fleming alegava que a legislação em vigor atenta contra os seus direitos à autonomia e à dignidade, e contraria a Constituição irlandesa e a Convenção Europeia de Direitos Humanos. A doente afirmava que após 25 anos em cadeira de rodas quer poder morrer de “maneira digna e legalmente”.

Os três juízes que fazem parte desse tribunal Irlandês encarregados de resolver este caso, decidiram que “não existe o direito ao suicídio”, mesmo que esteja despenalizado.

Afirmam que aceitar o direito ao suicídio assistido seria algo contrário ao interesse público, pois pessoas vulneráveis – deficientes, pessoas idosas ou crianças com problemas psíquicos...– poderiam ficar desamparadas e ser influenciadas pelos seus familiares ou pessoas mais próximas a voluntariamente porem fim aos seus dias.

E, afirma o magistrado Nicholas Kearns, mesmo impondo estritas salvaguardas ao direito de suicídio assistido, “seria quase impossível de controlar”. Refere a Holanda, onde foi aprovada a eutanásia, e se demonstrou que perderam o controlo da situação neste ponto.

Além disso, esta sentença segue a linha doutrinal da assembleia parlamentar do Conselho da Europa expressa na Resolução 1859 (2012), na qual se rejeita expressamente a eutanásia.

O individualismo pode destruir o Direito de família

O conselho de Família e Sociedade, da Conferência Episcopal francesa, desejando um debate profundo do projeto de reforma do Código civil, que abria o casamento e a adoção aos casais gay, publicou em 27 de setembro do ano passado uma nota de trabalho.

Na introdução, afirmava-se que ampliar o casamento civil a pessoas do mesmo sexo, com a possibilidade de recorrer à adoção, é um assunto grave. A decisão teria consequências importantes para os filhos, o equilíbrio das famílias e a coesão social. Seria redutor fundar a modificação do direito de família apenas na não-discriminação e no princípio de igualdade.

O documento recordava que a homossexualidade existiu sempre, mas só recentemente foi reivindicado um quadro jurídico para as relações permanentes, que incluía a concessão da autoridade parental. A abertura do casamento a pessoas do mesmo sexo não é exigida pelo direito europeu ou por convenção internacional. É uma opção política entre outras.

Invocava-se a não-discriminação, na lógica da defesa de direitos individuais. O casamento não teria natureza própria nem finalidade em si. Depende da autonomia de vontade das pessoas.

A Comissão episcopal dizia que, no direito francês, o casamento não é simples certificado de reconhecimento de sentimento amoroso. Teve sempre a função social de enquadrar a transmissão da vida, articulando no âmbito pessoal e patrimonial os direitos e deveres dos esposos, entre eles e respeito pelos filhos futuros. Os textos legais não respondem a uma concepção individualista do direito.

O compromisso conjugal leva a uma união de vida: tem a ver com cônjuges (respeito, fidelidade, assistência, comunidade de vida, contribuição para os encargos), famílias (laços de aliança, obrigações alimentares, impedimentos matrimoniais), filhos (presunção de paternidade, educação, custódia conjunta) e terceiros (dívidas domésticas solidárias). A rutura não depende da mera vontade das partes. O divórcio é pronunciado por um juiz, que vela pela proteção dos mais fracos e pela repartição equitativa de bens.

Dentro do seu alto valor simbólico, o casamento comporta a presunção de paternidade, conhecida já pelo direito romano (*pater is est quae nuptiae demonstrant*). Sem desconhecer que esta tradição produziu preconceitos ou injustiças em relação às mulheres, convém discernir a sua sabedoria e a sua importância para a sociedade.

Os bispos também recordavam que a Convenção de Direitos da Criança, da ONU, estipula expressamente que, na medida do possível, o filho tem direito a conhecer os seus pais e ser educado por eles. Se as circunstâncias da vida podem impedi-lo, não deve ser o legislador a tomar a iniciativa para tornar

impossível esse direito, como sucederia no caso de admitir as solicitações de paternidade de pessoas homossexuais, através da adoção ou da procriação medicamente assistida.

O projeto de lei acabou por ser aprovado em abril deste ano e entrou em vigor em maio.

A mulher, discriminada e triunfadora

O Dia Internacional da Mulher, data assinalada nos dias santos laicos, suscita sempre uma série de artigos de tom intemporal, que oscilam entre o triunfalismo e a queixa. O lamento é o mais tradicional: a mulher ganha menos do que o homem, sofre mais o desemprego, mal ocupa cargos nas cúpulas diretivas... O tom reivindicativo não permite fazer distinções, pelo que nunca se diz se a diferença salarial se aplica da mesma forma à administração pública e ao setor privado, se corresponde a diferente número de horas trabalhadas e de antiguidade, se as diferenças na distribuição de sexos entre as diversas profissões dão lugar a diferenças nos seus rendimentos médios, se é a mulher, em geral, ou a mãe, no concreto, a discriminada...

O outro ângulo põe em relevo a faceta triunfal das mulheres. Elas são infinitamente mais flexíveis, podem atender a várias coisas ao mesmo tempo, têm uma empatia natural, conciliam trabalho e família, e se não são *superwomen*, é porque não querem ser como o macho líder. Se alguém fizesse um juízo tão global sobre os homens em relação às mulheres, seria massacrado como machista, mas tratando-se de adular a mulher, qualquer correção política é pouca.

Apesar de tudo, na guerra de sexos, agora parece que efetivamente as mulheres têm mais motivos para o entusiasmo do que para a lágrima. Assim o salienta a jornalista norte-americana Hanna Rosin, autora de "The End of Men", um *bestseller* que não encontrou nenhum teto de vidro. A sua tese é que a economia e a educação conspiram hoje a favor das mulheres, pelo menos nas sociedades ocidentais e asiáticas.

A evolução da economia mundial está a deixar fora de moda os setores tradicionalmente dominados pelos homens – a construção civil, o automóvel, a indústria em geral –, enquanto que o desenvolvimento dos serviços, onde já não é necessária a força física, cria empregos para as mulheres.

Como as raparigas se adiantam aos rapazes nos estudos e obtêm mais títulos universitários, entram nos setores mais avançados que lhes estavam fechados, vendo-se cada vez mais mulheres com ganhos superiores aos maridos.

Não é fácil saber o que pensar, se deparamos com a mulher discriminada ou a mulher triunfadora. Provável é que tão-pouco entre as mulheres as coisas estejam bem repartidas. Em vez da mulher trabalhadora em geral, falaríamos de mulheres, pois os problemas da caixa do supermercado não

são os mesmos do que os da aspirante ao conselho de administração.

Em vez de abordar o problema como guerra de sexos, haveria que perguntar sobre se a entrada em massa e ascendente das mulheres no mundo laboral provoca uma mudança na organização do trabalho, ou se, antes, as exigências laborais dominam cada vez mais o tempo, as forças e as aspirações de homens e mulheres.

Nos EUA, discutiu-se o livro (“Lean In – Women, Work, and the Will to Lead”) de Sheryl Sandberg, diretora de operações do Facebook, que diz às mulheres com elevadas aspirações que precisam de *Lean In* (envolver-se) no trabalho, serem mais ambiciosas e afirmativas. Sandberg, mãe de dois filhos, diz que “as mulheres são um travão à sua carreira pela ânsia de preservar a vida familiar, até quando ainda não têm filhos”.

Disse-se que diagnostica mal o problema. Não é que as mulheres de destaque careçam de ímpeto e decisão para se envolverem no trabalho. Muitas delas não querem é envolver-se num mundo laboral de que não gostam, porque para ocupar cargos diretivos em organizações importantes, são precisas mais de 60 horas por semana.

O que mais falta hoje a homens e mulheres, do topo ou base, é tempo. Historicamente, o progresso económico implicou descida da jornada laboral e aumento do tempo livre. Na economia atual, o custo de ganhar mais e ascender profissionalmente é ter menos tempo para o resto, indicando que a economia pode perder o seu sentido.

Se ainda restar espaço nos dias santos laicos, poderíamos incluir o Dia Internacional do tempo livre.

I.A.

“Extremamente alto, incrivelmente perto”

“Extremely Loud and Incredibly Close”

Realizador: Stephen Daldry

Atores: Sandra Bullock; Tom Hanks, Thomas Horn

Duração: 129 min.

Ano: 2011

Um filme duro e intenso cuja ação decorre em Nova Iorque, nas semanas posteriores ao ataque do 11 de Setembro de 2001. Uma criança perde o pai na tragédia e entra em conflito com a mãe, numa relação que piora cada vez mais. A avó tenta apoiá-la mas a situação não é fácil de gerir...

O pai ensinara o filho a nunca desistir de procurar o sentido das coisas. Um dia, o rapaz ao mexer nas lembranças do pai encontra uma chave com o apelido de uma pessoa. Quem seria? Poderia ter uma última mensagem que o pai lhe quisesse transmitir. Decide ir procurar o dono da chave e faz uma lista com todas as pessoas daquele apelido. Eram imensas... Traça um plano num mapa e vai ter com cada uma delas. Tenta falar com todas mas nem sempre é possível... até que consegue algumas pistas e encontra o dono da chave. Tudo parece resolver-se, mas o resultado obtido não é totalmente satisfatório. Fala com a sua mãe. Ela explica-lhe então que ao descobrir esse objetivo do filho, decidira ir à sua frente e preparar primeiro toda a gente para o encontro com a criança.

O resultado que todos conseguiram atingir dessa forma uma dimensão mais vasta. A resolução do enigma da chave transforma a resolução de um problema circunstancial em algo realmente essencial.

Tópicos de análise:

1. Ir à frente e abrir caminho aos outros dinamiza a obtenção de resultados.
2. Os bons resultados não se fecham em si mas projetam-se no futuro.
3. Lutar por uma meta justa, motiva a vencer qualquer obstáculo.

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

